

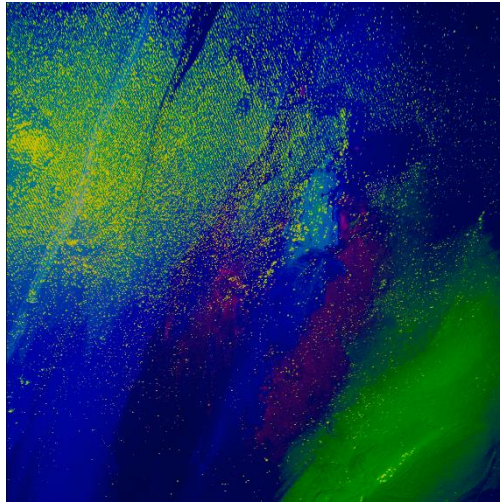


Ítalo

POEMAS E CRÔNICAS

Christina Ramalho





Ítala
POEMAS E CRÔNICAS

Christina Ramalho

Natal – LucGraf – 2018



Título Original: *Ítalo*, de Christina Ramalho
* Copyright 2018 by Christina Ramalho

Todos os direitos reservados. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do autor, título da obra, edição e paginação. A violação dos Direitos do Autor (Lei no. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Ilustração da Capa: *pintura acrílica sobre tela* de Christina Ramalho
Arte de Capa: Christina Ramalho
Revisão e diagramação da autora

Catálogo da Publicação na Fonte.
Fernando Antonny Guerra Alves – Bibliotecário CRB/15-303

R165i Ramalho, Christina.

Ítalo: poemas e crônicas. / Christina Ramalho. – 1. ed. –
Natal/RN: Lucgraf, 2018.

123 p.; il.; E-book (PDF).

ISBN 978-85-60621-93-4.

1. Literatura. 2. Literatura brasileira. 3. Literatura – Poesia. 4.
Literatura - Crônica. I. Título.

CDU 821.134.3(81)

CDD B869.91



Para meu marido,
Ítalo de Melo Ramalho,
meu Catingueira, o Í do meu C,
meu abecedário, meu sonho feito carne,
poemas e crônicas
muito aquém das metáforas que,
com você, reinventaram, para mim,
o sentido de "viver".





ÍNDICE

Apresentação – p. 9

PARTE 1 – Poemas

2762 – p. 11

A magia do í – p. 13

Alquimia – p. 14

Anti-foz – p. 15

Apolo – p. 16

Arco Íris – p. 19

Chocolate – p. 21

Coração satélite – p. 22

Escolta – p. 23

Estava escrito – p. 25

Fusão – p. 26

Incompatibilidades – p. 28

Ipê amarelo – p. 29

Ítalo – p. 32

Janeiros – p. 35

Maestro – p. 36

Mão dupla – p. 37

Moreno – p. 38

O homem que virã – p. 39

O que sou – p. 40

Oceano – p. 41

Olhos de sol – p. 43

Ouro sobre azul – p. 45

Para meu amor – p. 46

Parte de mim – p. 48

Pegadas – p. 49

Poeminha antimetafórico – p. 50

Quando – p. 51

Quinta voz – p. 52

Sal, mel, maressia – p. 53

Sertão e floresta – p. 54



Sim – p. 56
Sorte – p. 57
Tempero – p. 58
Tempo de morangos (ou Minha pequena redenção – para Maçabêa) – p. 59
Todo sede, todo seu – p. 62
Ui – p. 63
Você – p. 64
Você é meu país – p. 65

PARTE 2 – Crônicas

A cinco dias do casório, Ítalo, mãos de fuxico – p. 70
A divertida arte de casar – p. 71
A Semiótica da Mentira e a Semiótica da Verdade – p. 74
Bula de remédio sem óculos? – p. 76
Buquê – p. 78
Convites – p. 79
Detalhes tão pequenos e tão grandes – p. 82
Dois fios de prosa – p. 84
Inconstitucional – p. 87
Mosaico – p. 88
No dia de meu amor – p. 91
No meio do caminho... uma lua-de-mel – p. 94
Num dia triste assim – p. 96
Nunca é tarde... Mesmo! – p. 97
Quadro de retalhos – p. 98
Requiem aeternam – p. 102
Revelações-bomba de Páscoa! – p. 104
Saudade com prazo de validade – p. 106
Sempre “Ela” a nos guiar – p. 108
Síntese – p. 109
Sobre a arte de ser paciente – p. 112
Sobre fé, fuxicos, festa e felicidade – p. 114
Sobre quarentenas e aquarelas ou Uma tarde/noite vestida de cor – p. 117
Tempos de farofa – p. 124

Apresentação

Era uma vez uma apresentação tão curta que quase não chegava a ser um substantivo. Ia ser só verbo mesmo... Um verbo sinônimo de amar.

Pois bem! Este livro fala de amar. Poemas e crônicas com destino certo: Ítalo de Melo Ramalho. Talvez toquem a emoção de quem ainda tem tempo para pensar sobre esse tema tão batido (e esse sentimento ainda tão buscado). Talvez sejam cansativos ou aborrecidos (Pelo menos avisei antes...).

Acontece que eu não poderia deixar de fazer o livro. Ele era urgente. E por isso aqui está. Para Ítalo, para vocês, para quem ainda acredite nessas histórias de amor doidas que fazem as vidas dos amantes se tornarem piões em rodopios que criam caminhos ao bailarem.

Caminhos sem retorno e sem fim. Do jeito que a Felicidade pode ser. Sim.





PARTE 1 - POEMAS



2762

um número?
não!
uma senha.
portal
rito
mito.
o sim.
seu sim
pra mim.
pra nós.
chave
clave
si bemol
uma nota
metonímica
largada
no ar
com som
de orquestra.
a mola mestra
que nos sequestra
de vez.
alma e tez.
esposa.
marido.
boda.



(que o passado
se foda
em suas águas
de cal!)

2762
nôs dois.
ciclo sem fim.
eu em você
você em mim.
oito na soma.
coito na cama.
almas em trama.
Você me ama!
Você me ama!



A magia do í

De repente
o espanto
de perceber
o quanto
dois minutos
apenas
te olhando
podem
guardar
e fluir
o infinito.
(Deve ser
a magia do Í
que mora
nos teus olhos bonitos.)



Alquimia

Alquimia
química mímica
da criação de Deus
os beijos seus
mágica grávida
de vida
começam
nos lábios meus
e
logo em seguida
inventam
galáxias infinitas
vias lácteas
asteroides
estrelas
cometas
planetas
nebulosas
luas nuas
um mundo
enfim
nosso jardim
de flores
de gestos
de gestos
de luz
da luz
de amar.



Anti-foz

Nada
entre nós
além das águas
e da certeza
da anti-foz
porque o rio
vira oceano
sem cais
e nossa vida
segue o plano
de infinitudes plurais.



Apolo

os pés na areia...
o pensamento em você
sol desmaiando a noite
raios de mãos agudas
vestindo a pele
beijos amarelos
e lambidas quentes
germinando suor
nação entre o vento
e o desejo de caminhar
silêncio de muitas palavras
acordes antigos
lira, louros, serpente
arco e flecha
embalando as passadas
café fresco ainda na boca
e essa coisa muito louca

de andar andar andar andar
os pés na areia
o pensamento em você



minha praia
meu céu
meu Apolo
meu amigo
tudo confundido
sol lua dia noite
o infinito inteiro
nas águas mornas da Atalaia
que já foram de Ponta Negra

estrada líquida
enredando futuro
passado no meio
presente presente presente
café fresco ainda na boca
e essa coisa muito louca

de andar andar andar andar
os pés na areia
o pensamento em você
o pensamento em você
o pensamento em você

que não toma nunca
as rédeas do seu carro
que não faz relincharem seus cavalos
que não abandona
esse altar de estrelas
e onipresente



há anos comigo
me deixa, ainda, Apolo,
com esse café fresco na boca
e essa coisa muito louca

de andar andar andar andar
os pés na areia
o pensamento em você
o pensamento em você
o pensamento em você



Arco íris

Ao contrário
do que parecer possa,
nós não vivemos
num mundo cor de rosa.
Nossas peles,
de cicatrizes várias,
contam histórias
sem fadas nem magia.
No entanto,
dia após dia,
do silêncio da dor
que nos encara,
brotam pequenas esperanças
- dessas convictas,
infatigáveis -
que nos olhos do outro,
fazendo alianças,
ganham sentidos
inegáveis.



Bem ao contrário
do que deva parecer,
não é cor de rosa
o nosso mundo.
Vezes é até obscuro,
n'outras, névoa
cerraçada e aguda.
Mas, no outro espelhado
em olho que vê
e que ajuda...,
mas no outro abraçado
ao peito que sente
e que cuida,
tudo se redime
e se faz sublime.

Vermelhamente sublime
como nós,
com nossos nós,
e a liberdade extrema
de criarmos nosso mundo
nada cor de rosa,
mas muito prosa,
pelas tentativas de arco-íris.



Chocolate
chocolate
bombom
brigadeiro
trufa
mousse
cookie
caçau
gato gateau
moreno sabor:
meu amor.



Coração satélite

Hoje
meu coração
é satélite
orbitando
em torno
do seu.
Planeta de sonhos
na galáxia do tempo,
você fez-se
rota única
do meu ser.
Por isso sou lua
cheia
nova
crescente
minguante
nua.



Escolta

Enquanto um mar
de antiáguas
sacode províncias
e seca peixes

Enquanto a vergonha
escorre
na cara da pátria
de verbo ausente

Enquanto o papel
crava
a lâmina da faca
na terra insone

Enquanto o monstro
quimera
assalta infame
a mordida dos dentes

Enquanto gente
inocente
aprende urgente
uma nova fome



Enquanto a lei
some
e o tudo demente
anuncia o nada

nosso amor
de mãos dadas
sente e sua
grita na rua
o silêncio que não cabe
nos limites da revolta
na caçamba
das palavras

(mas seu peito
me escolta
dentro e fora
da fronteira
e com você
teço a bandeira
que destece
esta mortalha
sou mais forte
no seu norte
guerreira
da caixa-sorte
mosqueteira
batizada
com a saliva
do seu beijo)



Estava escrito

Por não saber
sequer decorei
todas as letras
dos signos
que trocamos.
E ainda assim
as palavras se casaram.
Meu nome, o seu,
nosso sobrenome,
o teatro grego,
uma década no meio,
e hoje, enfim,
a escritura do sim.
Não há silêncio
nem grito.
Na calma das horas,
nosso amor
simplesmente
estava escrito.



Fusão

Hã uma graça inconfundível
na fusão de nossos descaminhos.

Não sei se vem
do cambalear
dos passos que demos
isolados que estávamos
em nossas desventuras.

Não sei se vem
dos retratos toscos
do que fomos antes
nas noites escuras.

Vem, quem sabe,
desta alegria passarinha
que olha para trás
e nos vê reinventados
pelo voo de poder ser
o que não coube no passado.

Vem, talvez,
deste mar mareado
de fogo e ar,
Áries e Aquário,
e da terra virgem
de sonho e vertigem
que vamos habitar.

Vem, é possível,
desta força iniludível
que se chama amor.



Eu só sei
é que esta graça
que brota risos
nos olhos
(meus e seus)
é a nossa aliança
nossa criança,
é a vida
que finalmente
nos alcança
isenta de adeus.

Meu amor,
que graça maior há
que a inconfundível
ternura
de morrer
nos braços seus
e de neles renascer
todos os dias,
isentos do tempo
como estamos?
Que graça maior
que esta:
a de saber que nos amamos?



Incompatibilidades

Entre o incompatível
(o cigarro dele
e meu olfato sensível)
e a matéria viva
de que é feito
o amor,
meus olhos
a tragarem
sua presença
(sempre ávidos
de sua morenidade intensa)
e seus gestos
cuidadosos
a respeitarem
nossa diferença.

Nós dois juntos
já sabemos:
somos mesmo
é incompatíveis
com a infelicidade.



Ipê amarelo

Na paisagem
do tempo
onde escrevemos
caminhos,
entre pedras e espinhos,
atalhos
que levam ao nada,
sempre irrompe
na estrada
um sol feito de sonho.
E o que era medonho
mistura-se ao pô,
desfaz-se
sem cicatriz,
noves fora,
mero zero.



Assim
às vezes
é o amor:
inédito
ipê amarelo,
brotando
inaugural
no quintal
de nossas retinas,
pra nos dizer,
sem fonemas,
que caminhar
vale a pena,
que alma alguma
é pequena,
que árduo mesmo
é parar.

O que fazemos com ele?
Viver o gosto fugaz
do deslumbre passageiro?
Tratá-lo como oásis
que se desmancha ligeiro?
Ou vestirmos nossa pele
com a sua cor de sonho
até termos em nossa carne
a vertigem do concreto
que redesenha o trajeto
e nos faz ipês também?



(Um ipê feito de sonho
hoje é mais que uma visagem.
Mudou minha paisagem.
É a terra onde caminho



Ítalo

um coração Suassuna
queijo de cabra
com tempero da caatinga
bate com Marx
dança com Antonio Nóbrega
canta com a asa negra
da graúna
pousada na voz de Elomar

seu país caboclo

maxixe colado
na pestana do olho

tem gente mais gente
que fala e que sente
o catimbó da história
impregnado na semente
das carnes que não se vendem
à moeda parca
isenta de Deus

sua palavra
caba-ruim-da-bexiga
xinga e gargalha
grita NÃO
às leis da migalha
e depois escancara



a fileira branca do piano
que concerta
sua risada inflamada

um coração Heronides
aberto às misérias
como o cacto
que floresce no pingo
da chuva miúda

que nele se engrandece

pedra desenhada
no pó das estradas
(ainda que imaginárias)
nunca uma alimãria
abraço de acolher pãrias
virtudes raras
como têm as cabras

um coração-porto
que se importa
não com a rota
da própria aorta
mas com a rota do outro
que o mundo esqueceu
no horto de Cristo
para ser mártir
no culto ao capital
(besta disfarçada em grifes-gourmets)



pedra ita lo(a)mor
cabra que salta
e assalta
as cordas
as bordas
a centelha original
e a carcaça
de alguém que sou
todos os eus
multiplicados
pela água
que em você transborda

filho da face úmida da seca
meu amor por você
mora
no reino da pedra
sem coroa cedro
ou credo qualquer
porque ele É
(e o verbo ser diz tudo
quando quer)



Janeiros

O horizonte se inaugura
de mãos dadas com os sonhos.
Barcos e cais, num corpo só,
se desprendem da sina
de tantas partidas
e são signos de todas as promessas.
O tempo, sem claustro
ou arremedos de medo,
borda, na natureza da manhã,
um amanhã que é hoje,
pleno de beleza sem artifício,
hoje que é edifício
de concreto e amor.
Janeiros diários em botão,
cada dia como dádiva,
sabor doce na saliva,
nenhuma angústia ou dúvida,
nenhuma mesquinha dívida,
somente a crença de quem pensa,
acima de tudo,
na inutilidade dos escudos,
e de portas abertas
abraça depressa a felicidade.



Maestro

Mesmo
quando sem querer
seu olhar me toca
meu corpo de mulher
acorda
e a carne toda
os ossos
os músculos
as veias
as artérias
os tendões
tudo toca
imediatamente sinfonia
na orquestra
do meu ser.



Mão dupla

mãscula
masculina
linda
por que não?
em cada dedo
meu zelo
e o verniz
deste enredo:
minha mão
na sua
desenhando
finura
delicadeza
passeio
entre curvas
e unhas
de sua beleza

e depois
sua mão
(linda)
em mim
em outra artesanaria
outras curvas
outro verniz



Moreno

Poderia dizer:
é lindo!
(e ponto)
Mas o ponto
se repete
nas reticências
desta paixão
e o verso
se alooooooonga
na beleza infinita
da imagem
que mora
no avesso do olho
espelho travesso
bêbado
do moreno
de suas águas.



O homem que virã

Ah, eu quero o homem que virã.

Terno, iluminado, transparente,
braços prontos para o abraço,
colo forte, frágil, isento
de traumas turbulentos,
de carências infantis.

Quero, poeta, o belo da tarde
que arderã no meu dia
como uma praia
lambendo azul e sinuosa
as areias curvas
que me desenhã.

Quero o homem que virã
luva secreta para meus anseios,
que anseios não são
dão apenas desejos
escarlates e inteiros
como sei ser
no corpo da hora.

E ao homem que virã,
em gesto inédito,
não oferecerei o grito falso,
mas somente e tão somente
o murmúrio quieto
de todas as águas
que entornã cascatas
no meu peito.

O futuro me acolhe
no colorido dos calendários.
(16/2/2006)

O que sou

Ser o que sou
nos limites ilimitados
de meu humor
(e casmurrices),
falar sobre poesia
ou apenas de minhas tolices,
contar meus desvios,
os tropeços vários,
e receber brilho
de olhos que me veem
além dos desvios e tropeços,
sentir nos braços
que me acolhem
o sabor de um ninho
único, quente e forte,
agradecer todos os dias
esta sorte
de, com você,
poder ser
o que sou.

Ser o que sou
sem um milímetro
de medo.



Oceano

Em breve,
entre nós,
um oceano literal
de águas concretas
e quilômetros de sal.

Sorte nossa,
entretanto,
que outro oceano,
maior e definitivo,
nos dará
o lenitivo
justo e preciso.

Oceano
que em você eu amo
espelho onde me vejo
flor do seu desejo.

Oceano
de palavras
tontas de encanto,
plenas de verbo
e de substantivo.



Por ele será leve
o oceano atlântico
do tempo,
e a distância
será só um vento,
espalhando saudade
e levando
a nossos lábios
os mesmos
amorosos beijos,
o mesmo mar
abstrato
de nossa vida
sem ponteiros.



Olhos de sol

Como se o sol,
ausente de seu lugar,
se aninhasse
em seus olhos
e mansamente,
com o brilho
que sem ferir
acaricia,
acendesse,
nos meus,
a certeza
da eternidade.
Assim,
assim exatamente,
você se faz presente
em minha vida.



E quando o sol se põe
na tela distante
que abraça a terra,
em você permanece,
estático,
brilhando doce
e forte.
Sua luz é meu norte.
Bússola de sorte.
Amor sem tempo,
porque você
(verso seu)
ama o tempo no meu rosto.
Amor sem tempo,
porque eu
vejo o sol
perene no seu.
E o Amor,
que nos consagrou
suas dádivas,
espalha-se
solar
nas veredas profundas
de seu olhar.



Ouro sobre azul

Meu ouro sobre azul
é seu.
É céu
sem promessa
de paraíso.
É um dia branco
pro que der e vier
se você quiser
vir comigo.

Meu ouro
sobre azul
é seu.
É mel
de deuses
sem divindade.
É simples oferta
porta aberta
pra você.



Para meu amor:

Você me surge
convertido em espelho
tanto do que sou
como do que fora
sua própria imagem.
Reconduzido no tempo
à era de uma verdade
camuflada em silêncio,
sua voz ensaia
um canto novo
que de novo
só tem o resgate
do próprio corpo
e de histórias antigas
feitas de fé.
Sua imagem no espelho
nada mais é
que reinvenção
de si própria
numa canção
de rimas raras
que mata
a máscara do não.



Duplo do duplo,
inteiros e múltiplos,
desaguamos a dois
nossos rios
feitos agora
de águas claras
de peixes vários
de amazônica
torrente
corrente de liberdade
fortemente refratária
escudo
contra tudo
que não seja
Amor.



Parte de mim

É que parte de mim
ama seu silêncio
sua carne sempre em flor
sua pele de tanto moreno
seu dorso de gozo
seu rosto de homem.
E a outra parte
que também o ama
sai da cama
pra palavra
e lavra
com você
uma escrita
irrestrita
plena em arte
rica em signos
que nos inscreve
no sublime
do pensar.



Pegadas

Ando em pegadas
de um amor tão grande
que ao buscar meus passos
nas trilhas da caminhada
não vejo rastros na estrada.

Era amor quem me carregava
em colo Moreno,
capaz de levantar
e de me dar
asas.



Poeminha antimetafórico

Contra a ordem
metafórica das coisas,
eu lhe digo
que pegue
muito
e muitas vezes
no meu pé.

E eu prometo,
em palavra de fé,
pegar o seu
igualmente:
dedo por dedo,
nervo por nervo,
até que já não saibamos
de quem é a mão,
de quem é o pé.



Quando

Quando você se perder
numa trilha qualquer
de qualquer estrada
não há de ser nada
porque ainda que perdido
estará achado
nestes braços
que eu tenho
e que mantenho
fortes para o abraço
em que repousarão
sua insônia
seus medos
seus mundos
anseios.

E dos bicos dos meus seios
jorrarão
aguas perfumadas
como a esperança
e este amor puro
que lhe dá
minha criança.



Quinta voz

Hoje,
na areia movente
do tempo,
um clarão.

Nele
ar terra fogo água
e éter
conjugam
em quinta voz
uma canção.

A nossa.
A fusão de tudo
num cancionero
cristão e pagão
que comemora
iluminado
este anti-relógio
de amor infinito
bonito
demais!



Sal, mel, maresia

A poesia se reinventa
todos os dias.
O que era sal e maresia
hoje é mel e alimenta.
E quem na estrada
ia sozinha
hoje não anda,
levita.
Solidão era rima pobre
que não cabe mais
em qualquer estrofe.
E o som que agora
se colhe do verso
é o reverso do de outrora.

Não,
não se reinventa
a poesia.
Quem transforma tudo,
sem qualquer medida,
é esta senhora
a quem chamam
Vida.



Sertão e floresta

Sua parte sertão
é cacto florido
mandacaru
na plenitude
bebendo o sol
de meu olhar
iluminado
por sua força
de ser
tão você.

Sua parte floresta
é árvore infinita
seringueira
seiva branca
escorrendo o desejo
de minha carne
vibrante
que na essência
de sua flor
resta.



Sertão e floresta.
Ocre e verdes.
Seca e água.
Homem duplo.
Completo.
Repleto.
O homem certo.



Sim

Amor não é jogo
de ganhar ou perder.
Amor não é jogo.
Nem logro.
Ogro tampouco.
O amor é louco
e a única sanidade possível
na teia invisível
com que nos prende
à sanha da liberdade
e à liberdade do outro
que habita nosso corpo.
O amor é ovo
e seu depois.
O amor é dois.
Nós dois.
O amor é sim.

(Inspirado na Primeira Carta II de Novas Cartas
Portuguesas)



Sorte

Sorte é ter
na dobra do seu sorriso
o esperado aviso
de um amor raro
caro
espelho
do que em nós
é a melhor parte
nesta arte
complicada
de ser.

Sorte é sermos
eu e você
um nós
nascente e foz
rio inteiro
de águas plurais
que não se deixam mais.



Temporo

Além de sabidas,
mãos de magia,
enchendo de sabor
nossa cozinha,
temperando
com amor
o nosso dia.

Além de mágicas
mãos de chocolate,
confeitando doce
em nossa rotina.

Um homem
e duas mãos
alimentando
nossa vida.



Tempo de morangos
(ou Minha pequena redenção para Macabéa)

Seu moreno
inaugura futuro
inventa palavras
estradas
águas.

Nada permanece
o mesmo
depois do seu beijo
do seu jeito
do seu feito
de criar
a partir do nada
um todo
um tudo
onde só havia
o olhar mudo
o presente oco
o ponteiro viciado
e a ausência
da essência divina
que entorna
na vida
magia.



Seu moreno
derruba muros
funda lavras
gerúndios
ciudades.

E tudo
é substantivo concreto
na gramática
nova
do seu moreno.
Eu sou substantiva.
Ontem
hoje
amanhã
substantivos também.
Porque seu moreno
nomeia
cada sema
cada semema
que jorra
do milagre da hora
que de você
vem.



Dom moreno
morada
do bronze
do tempo
do vento
do barro
do grito
do mito
de todos os substantivos
vivos
na âgora do agora
dentro e fora
de mim.

Um alfabeto moreno
me disse sim.
Tempo de morangos
de amor
de infinito.



Todo sede, todo seu

Olhos de Nordeste
e rede...

E pronto:
meu Sudeste
é todo sede.

É todo seu.



Ui

Nas letras
do cuidado
um ditongo
desavisado
desfaz seu próprio sentido.
Deixa a dor de lado
e geme
bem baixinho
na delícia
do gostinho
de amar e ser amado.



Você

livro livre
voando meu ser
pássaro
das minhas asas
minha casa
medida
ilimitada
do meu querer



Você é meu país

I

Você é meu país.
Um país feito de carne e versos.
Litoral extenso
com quem converso
minhas próprias águas, escarpas
e silêncio.
País de múltipla geografia
que brota florestas no meu dia
e no agreste das horas
jamais ignora
minhas secas e inundações.
País-continente
de olhos morenos.
Terra preta
de fertilidade intensa,
fonte de todas as frutas
e de todas as orações.
Em sua boca e garganta,
o nascedouro de muitos rios
por onde navegam meus barcos
e se fazem úmidos meus arrepios.
Suas pernas, cadeias de montanhas,
espalham-se azuis,
verdes, acinzentadas,
pelos mapas abstratos
de um país inédito.



Você é meu credo.
Uma religião multiforme
de deuses distintos
irmanados
no bem maior
de alimentar a fé.
Um país de sonhos
você é.
Em seu peito, um solo,
uma campina, um colo,
onde me deito,
embarçando raízes
e apagando cicatrizes
no visgo poderoso
de suas seivas.
Suas mãos são veigas,
planejando rotas possíveis
na infinitude do seu chão.
Um país que nunca é não,
porque desconhece censura.
Um país que alimenta e cura
a aridez ocre
da minha loucura,
deixando-me ser louca
na pele azul da poesia,
mas me tornando sana
para viver sua magia.



Você é meu país.
Um país feito de carne e versos.
Nas fronteiras de suas angulações,
eu me inscrevo,
eu me escrevo
mulher de muitas canções.
Porque em você
tudo é plural e vasto,
seja na flor do cacto,
seja no canto dos pássaros,
seja no vêu dos tempos
ou no cansaço das bibliotecas.
Seu país é pleno de espaços
onde repousar minhas esperas.
Seu país é um regaço
onde fermento outras esferas.
E o sumo de seu hálito,
que eu bebo tonta, inebriada,
não me dá nada
além da estreita estrada
que me conduz ao paraíso.
Por você,
eu costuro esta bandeira
e nela bordo,
com os dedos mergulhados em cor,
as formas reveladoras deste Amor.



E munida de bandeiras
e mesmo de armas
(se preciso for),
escreverei uma história
de resgatar índios
e de proteger sua natureza.
Seu país é meu
não pela conquista
ou pela invasão bárbara,
mas porque assim o era
na esfera mística de tempos antigos
em que nós dois,
em corpo único,
resolvermos brincar
de expandir o universo.





PARTE 2 - CRÔNICAS





A cinco dias do casório, Ítalo, mãos de fuxico

— Ai, amor, acho que não consigo terminar os fuxicos não... Faltam 40 ainda! Fazer o fuxico, prender a medalhinha, prender as fitinhas, fazer o acabamento atrás, colocar o alfinete... Não vou conseguir!

— Vamos conseguir sim!! Explica aí como se faz esse fuxico... Eu faço o fuxico, você termina...

Aprendeu em um minuto...

— Bora terminar vinte?

— Puxa, amor, você é danado! Estão ficando tão bonitinhos!

— Bora terminar tudo?

— Jura? Tô morrendo de sono... Mas, bora!

Duas da manhã e os fuxicos quase prontos. Amanhã pediremos ao Amauri Lopes Ramalho para fazer o acabamento na parte de trás.

Amor, nunca pensei que fosse lhe dizer isso: mas você é o melhor fuxiqueiro do mundo! E eu, a mulher mais sortuda!

Não há mesmo nada que um homem companheiro não possa fazer para ser Homem e Companheiro! Te amo muito!





A divertida arte de casar

Tenho certeza de que mesmo que Ítalo De Melo Ramalho e eu tivéssemos condições financeiras de bancar um “casamentão” cheio de luxo e beleza convencional, optaríamos por não fazer assim... Por uma razão muito clara: nós somos simples demais e gostamos mesmo é de nos divertirmos com coisas que nada têm de sofisticadas. Mas como também somos apaixonados por arte e cultura, não poderíamos dispensar, nessa simplicidade, a presença da criatividade.

Claro está que casar em tempos de dureza não requer só criatividade! Requer bastante trabalho de correr pessoalmente atrás das coisas, sem a presença das equipes que estão por trás de casamentos mais luxuosos. Mas não é que é divertido descobrir que um Romeu e Julieta espetado num palito pode muito bem ser “docinho” de casamento e substituir os “caramelados”? Isso é a nossa cara!

Depois, buscar a dois (a três, quatro, cinco, ..., porque família e amigos vão se unindo à empreitada) é delicioso. Começa-se a montar um quebra-cabeças, no qual nada é convencional, nem “combinadinho”, mas, por isso mesmo, como eu disse, tem a nossa cara!

Ternos? Nem pensar! Nordeste e verão pedem roupas levinhas e gente à vontade para celebrar o amor conosco!



Cristais e pratarias? Jamais! Gostamos mesmo é de palha, argila, chita, coisas deste Nordeste colorido, alegre, vivo! Cerimonial? Pra quê, se temos ideias para dar e vender?

Vejo umas coisas na internet e mostro para ele. Vixe, que porreta isso! Anotado! O que vai sair no final? Certamente algo muito lindo, porque o que sentimos um pelo outro é o princípio, o meio e o fim desse momento chamado "casamento".

Aí poderia vir a pergunta: mas casar para quê? Oxe! Porque queremos! Queremos todos os rituais que expressam esse sentimento maravilhoso que é o amor. Mas, principalmente, queremos imprimir nossa simplicidade e nossa visão de mundo nesses rituais. Somos assim. E isso nos faz felizes.

Realmente não há tempo marcado para a felicidade. É preciso, contudo, acreditar nela e reconhecê-la quando ela chega, para que se possa dar a ela a atenção e o cuidado que merece. Poderíamos viver tudo isso calados? Claro! Mas somos dois tagarelas apaixonados pelas pessoas, e achamos que boas histórias motivam e trazem esperança. Assim, além de vivermos nossa felicidade, pedimos que todas as pessoas que desejem esse tipo de encontro possam realizar seu desejo.

Na verdade, pouco preocupados estamos com o resultado do casamento em si, como um evento. Porque para nós não é evento. É vento! Um lindo, forte e sonoro vento, espalhando por onde vamos essa ternura que sela o pacto que fizemos de, aproveitando com sabedoria nossa maturidade, não deixarmos jamais que o amor se extravie do caminho da vida a dois que escolhemos para nós. Os tombos ficaram para trás. Não dá para ser feliz trazendo para o presente o que já não cabe em nossa vida. Mas é nítida a consciência de como o que passou faz com que reconheçamos com maior clareza o valor do que encontramos. E celebrar isso é delicioso!



Pessoalmente, para mim, não há nada mais lindo, elegante, artístico e divino que saber que, caminhando sobre um tapete, sobre a grama, a terra ou a areia, eu encontrarei, no fim dessa caminhada simbólica da "noiva", os olhos apaixonados e o coração humano desse homem espetacular que a vida me deu de presente. E eu espero que ele use sandálias, porque aí saberei que ele estará ali com todo o conforto que eu desejo que ele tenha a meu lado.

Estamos mesmo é curtindo arretadamente esse casamento nordestino e cheio de novidades que já é e será o retrato ou a metonímia da vida que queremos ter. Uma vida simples, cercada de arte erudita e popular, de familiares e amigos queridos, na qual sejamos sempre um casal do bem, voltado para os menos privilegiados e para a construção de um mundo melhor (com mais Romeus e Julietas e menos caramelados).





A Semiótica da Mentira e a Semiótica da Verdade

E eis que ele coloca como foto de seu perfil uma imagem em que me beija o pé! Ah, que beleza de matéria ele me dá para uma crônica! Fora o fato de me deixar, como sempre, toda derretida... Mas... Vamos à tal matéria da crônica.

O sentido das imagens é feita de dois gumes, a depender do modo como "construímos" o contexto a elas relacionado. Daí os usos tão discrepantes que os veículos da mídia podem fazer de uma mesma imagem.

Suponhamos que, para valorizar o impacto da imagem dele, eu faça um recorte da foto, a una a uma imagem impactante da deusa Atena e escreva: "Sentindo-me a própria Deusa...". Perfeito! Ele, como súdito amoroso, eu, alçando o voo para a divindade. Maravilhoso! Mas seria uma Semiótica da mentira... Crível, invejável e bem sustentada. Mas uma mentira. Vamos experimentar a Semiótica da verdade?

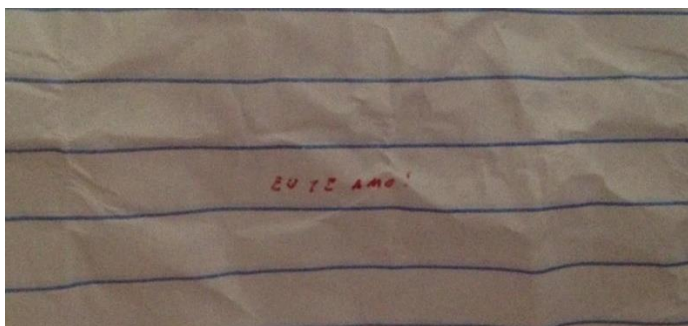
Pois bem! Não recorto a imagem original. Ao contrário, eu a reproduzo e dou um zoom na discreta latinha de Skol lá no fundo da cena. Traço a latinha para uma imagem própria e escrevo: "A verdade!".

Para quem conhece este Moreno canalha, o mistério seria de fácil decifração. Mas, sabendo que essa canalhice não é tão conhecida entre os meus, complemento a imagem

contando que o tal beijo foi pura canastrice dele, que assim se manifestou quando eu disse: "Vai, Moreno, pega outra cervejinha!"

Tudo bem! Não sou Deusa. Nem Atena, nem Antena!! Contudo, é porque esse Moreno me entontece com suas canalhices e canastrices que, em minha vida aqui na Acropôle, atinjo pelo menos o status de Semi-deusa!! E meu pezinho, isento de circunstâncias, agradece enfaticamente os beijinhos que recebe!!





Bula de remédio sem óculos?

Acordamos. O bom dia dengoso que me cumprimenta todos os dias se faz presente. Será mais um domingo gostoso. Aí vem ele com a novidade: você consegue ler, sem óculos, letras miudinhas feito as de bula de remédio?

Achei graça daquela pergunta às seis da manhã. Consigo sim. Respondi. (E pensei: "ainda" consigo. Ri por dentro...). Então ele se levanta, e com cara de menino travesso, faz algum movimento que não percebo direito, arranca uma página do caderno que está levando para o curso, amassa a folha e a dobra bem pequenininha. Estende a mão e me entrega o papel. Consegue mesmo? Vixe, o que é isso, Moreno? Veja aí... Vou tomar banho. Já volto.

Pego o papel. Vou desdobrando tudo, pensando na graça desse Moreno novidadeiro. De onde tirou isso às seis da manhã? Quando abro totalmente o papel, vejo algo bem miudinho no centro da folha. Está lá, em letras vermelhas: "Eu te amo!".

Depois que ele volta, eu, com a cara de bobá que a gente fica quando o amor é cheio de detalhes românticos, ouço, derretida, a explicação: "Acordei e me lembrei de John Lennon e Yoko Ono. Ele se encantou por ela à primeira vista.



Foi a uma exposição dela e viu uma instalação em que havia uma escada, com uma luneta a ser usada para se ler algo microscópico escrito no teto. Ele seguiu o roteiro e leu a palavra 'sim', escrita por ela. Aí resolvi fazer isso pra você!"

Inacreditavelmente ele me conta isso e me pede desculpas por não ter sido "original"!!! Estou certa de uma coisa: NUNCA precisarei de óculos para ler as mais minúsculas letras deste amor. Porque elas são as mais maiúsculas letras que o livro da minha vida escreve todos os dias com a caligrafia deste homem incrível!

Agora vamos ouvir o CD do Belchior, que é a cara dele!
Feliz domingo para todo mundo!





Buquê

De repente eu me vejo pesquisando no Google os tipos de buquê de noiva que há. Quero fazer eu mesma um bem simples e bem lindo para mim... Aí a ficha cai, e eu me dou conta de que realmente não há idade para ser feliz. Meu coração tem 20 anos, porque o Amor me fez voltar a ver a vida com os olhos de esperança que naquela ocasião eu tinha. Meu buquê é você, Ítalo De Melo Ramalho. Simples e lindo. Com a medida exata, exatíssima, de tudo em que sempre acreditei e que, com você, finalmente tornou-se verdade, realidade. Existem sim homens capazes de viver o amor de forma inteira. Você está aí para provar isso. Obrigada por me fazer tão feliz. Aliás, obrigada por me fazer saber o que é realmente ser feliz! Nosso casamento vai ser lindo!! Te amo.

(foto de Ana Cláudia Souza)





Convites

- Amor, vamos fazer nós mesmos o nosso convite? Tenho papel canson à beça aqui... Podemos pensar em algo que fique simples como somos...
- Bora!!! Vamos sim! O que precisamos fazer?

E fomos para o centro de Aju procurar uma barrinha decorativa para montar o convite com alguma graça... Entramos e saímos de lojas, vimos uma porção de barrinhas, trocamos ideias, calculamos o preço e escolhemos a que mais se parecia com o que queríamos.

- Vamos comprar logo os envelopes?

- Bora! (Dessa vez o "Bora!" foi meu.)

- Da cor do papel que você tem ou esse aqui, amarelo?

Acabamos optando pelo da mesma cor. E voltamos para casa, pensando em um primeiro modo de fazer o convite. Decidimos o texto juntos e fizemos o primeiro esboço, que exigiria a impressão em papel mais fino a ser recortado e colado no outro. Até que Isa, Gabi e Vitor nos mostraram que provavelmente poderíamos imprimir os textos diretamente na folha canson. Era só testar na impressora deles, já que a nossa não aceitou a espessura mais grossa do papel. Duvidei (sou meio teimosinha...). Mas não custava tentar!! (Obrigada, Isinha, por ser minha mãe às vezes)



Ah, mude a fonte dos nomes de vocês, mãe! Essa parece com a das Chiquititas!!! Kkkkkkkkkk Mudança igualmente acatada! (Obrigada, Gabi! Você é danada mesmo!)

Toca pra casa deles! Testa aqui, mexe ali e deu certo!!! Primeira impressão feita! Valeu, Vi! Valeu, Bi! Valeu, Zizu! Agora é cortar a barrinha, colar e subscrever os envelopes...

Uma narrativa corriqueira... Relato de algo simples, pensado somente com ternura e gosto por fazer as coisas não só a dois, mas em família... Não. É mais que uma narrativa corriqueira! É um convite dentro do convite nos chamando a sempre fazermos do cotidiano uma singela festa de gestos ternos e amorosos...

O convite será simbólico e a festa abstrata para a maioria de nossos/as queridos/as, pois as distâncias são grandes e variadas. Mas o que realmente nos move é dizer a todos/as o quanto cuidarmos desse nosso momento com companheirismo, simplicidade e doçura está nos fazendo bem!

Aliás, quanto a mim, não dá para traduzir com justiça o quanto é encantador ter um companheiro que vive cada detalhe com interesse sincero, que decide comigo cores, texturas, formatos e sons, que anda de mãos dadas comigo, sob um sol fortíssimo, em ruas e lojas cheias, sem um "quê" qualquer de cansaço, aborrecimento, tédio ou impaciência. Nada. Só tranquilidade, amor e a alegria que transborda dos olhos de menino que ele tem e que eu sei que assim serão para o resto de sua vida, porque ele tem a sabedoria junguiana de manter sua criança viva sem deixar de, por isso, ser um homem e tanto!

Olho para o nosso convite. Tão singelo... Tão a nossa cara. E amo ver nossos nomes ali. Nosso Ramalho esparramado. Nosso pacto de cuidarmos da vida assim: prezando os pequenos detalhes que moram nos igualmente pequenos instantes de que é feito o tempo.



Olho mais. Olhos nos olhos dele. E dos traçinhos de luz alegre e menina que vibram em suas retinas, extraio o maior dos convites: aprender sempre e mais que o amor é infinitamente melhor na delicadeza, na atenção sincera e na predisposição real para as mãos dadas.

(E quando nossos/as queridos/as receberem o convite certamente poderão ouvir, por trás do papel, coisas como: "Vixe, amor, tem cola demais! Deixa secar para não colar no envelope!", "Ih, acho que nesse a barrinha ficou meio torta...", "Caraca! Isso não acaba nunca!!", "Para, amor, fica quieto! Falta um montão para acabar!", "Para, sua peste! Eita, mulher da bexiga! Assim colo errado!")





Detalhes tão pequenos e tão grandes

Cada vez mais acredito que Amor se escreve com letras pequeninas que cabem nas igualmente pequenas parcelas do cotidiano. Delicadezas sutis que deixam o ar do dia impregnado de um tipo de beleza que poderíamos chamar de caseira, mas cujo poder de infiltração na vida quase não se pode medir, tão cheia de verdade ela é.

Roupas sujas meticulosamente dobradas e deixadas com cuidado em um cantinho do banheiro. Mal havíamos começado nossa vida a dois, quando eu vi aquele detalhe no chão do banheiro. E sorri. Por dentro e por fora. Explico.

Não gosto de ter cesto de roupas sujas no banheiro. Prefiro acomodar pouquinhas peças num cantinho e no fim do dia descê-las para o cesto que fica ao lado da máquina de lavar no térreo da casa. Assim, quando vou colocar roupas para lavar, estão tudo ali.

Quando Moreno veio morar comigo, em outubro, logo incorporou meus hábitos, sem necessidade de nenhuma explicação. Sensível e sábio como é, ele percebeu todas as minhas formas de organizar o cotidiano e passou a ser meu



parceiro em tudo. Daí ter logo percebido a questão da roupa suja. Sem falar nada, passou a deixar sua roupa para lavar dobradinha ao lado de um cestinho que temos no banheiro.

Quando eu vi aquelas poucas roupas meticulosamente dobradas, sorri. Pensei: "Esse homem não existe mesmo! Como ele pode ser tão cuidadoso assim?". Fiquei até com vergonha das minhas, que eu deixava no mesmo lugar, displicentemente colocadas. Aí perguntei: "Amor, por que você dobra suas roupas sujas todas juntinhas, e as deixa assim tão arrumadinhas?". "Ah, não fica mais organizado assim? É mais fácil para pegar e levar lá para baixo!". "É mais fácil sim, amor. Difícil é alguém ser como você!".

Hoje, quando eu vejo a roupinha dele ali dobradinha, renovo a certeza de ter encontrado um homem que sabe fazer uma mulher feliz, porque sabe imprimir ao cotidiano uma parceria viva, feita de pequenos grandíssimos detalhes. Aliás, agora eu mesma "ajeito" melhor minhas roupas sujas. Quanto a levar os "pacotes" para baixo, a "missão" também é dividida. Volta e meia, me vem a voz dele: "Galega, estou levando a roupa para colocar no cesto!".

Que todos os homens um dia possam perceber que, para nós, mulheres, vítimas que somos desta história machista do mundo, não há nada mais revigorante para o Amor que perceber que o companheiro que escolhemos vive a casa como parte dele também (porque, de fato, é!) e assume, sem alarde, sem parecer estar "nos fazendo um favor", as pequenas responsabilidades domésticas de cada dia.

Obrigada, meu amor, pelo delicado "pacote" de roupa suja dobradinha de cada dia. Nele, a metonímia e a metáfora da grande pessoa que você é!





Dois fios de prosa

- Ei, num vai arrancar os bichinhos não, visse?

- Oxe, tã louco, homi? E eu lã vou arrancar fios de sua sobrançelha? Só estou mexendo. São tão bonitinhos esses dois fiozinhos brancos...

Olhou para mim ainda desconfiado... Parecia que eu estava bulindo com um tesouro... Falei:

- Amor, quando a gente se encontrou pela primeira vez, eles não estavam aí não...

O danado me lançou aquele olhar irônico que faz o canto do olho sorrir debochado. Dei um beliscão na barriga dele:

- Pãra, seu chato!! (Comecei a rir). Estã querendo dizer que eu sou a culpada, nê? Paiacinho!!!! (Fiz cosquinhas simulando raiva)

- Oxe, muiê! Pare com isso! (Segurou minhas mãos implicantes) Eu num disse nada não... Você foi quem falou. (Desandou a rir). Deixe meus fiozinhos quietos! Adoooooro os dois!

- Puxa, amor, são bonitinhos mesmo! E eu mexo sim! É tudo meu mesmo!

- Verdade. Mas cuidado aí.



Continuei mexendo nos “meus fios”. Provoquei mais:
- Seu cabelo também ficou mais grisalho desde então...

E você tem só 42 anos...

- É mesmo, é?

- É!!! E a barba? Logo estará branquinha!

- Pois é! Vai ficar bonita!

- Jura? Jura que gosta?

- Oxe, homi! Claro!

- Hummmm... Você vai ficar ainda mais lindo.

- Lã vem você com suas presepaças... (Ele pediu mais dengo...)

- Nada disso. Oia só que coisinhas mais lindas! (E fiquei relanço com os fiozinhos...) Num vão cair não... São fortes que são! Iguais a você!

Ganhei o abraço moreno de sempre e ficamos ali engalfinhados ainda ao som da conversa caseira sobre o ineditismo daqueles fiozinhos coincidentes com minha presença na vida dele. Aí o danado falou:

- São as preocupações que você me trouxe, sua Galeza azul! Como um homi vai ter sossego com uma flor de milho peste que nem você? (E o canto dos olhos sorriram de novo no rosto moleque e agora grisalho daquele pedaço de homem cujos detalhes eu vigio todos os dias como se cuidasse de um jardim).

Comecei a rir... E fiz mais uma vez aquilo que ele adora que eu faça: usei as palavras para dar uma cambalhota no sentido das coisas e na situação:

- É nada, amor! Esses dois fiozinhos brancos são um sinal

- De quê, sua peste?

- De que vamos ficar beeeeeem velhinhos juntinhos...

Um agarraquinho no outro.

- Vem cá, sua danada.

Fechemos as cortinas, que os fiozinhos precisam conversar sobre outras coisas.

Mas, ainda preciso dizer: cotidianamente eu espio os dois fiozinhos. Já há um projetinho de terceiro apontando. E me vem uma ternura grande. Todos nós envelhecemos todos os dias. Mas a chegada dos fios brancos (não os precoces, mas os que vêm pela idade mesmo) parece traçar um equador firme e definitivo. Provoca reflexão. Às vezes medo. N'outras, desconforto. Os dois fiozinhos dele (meus!) ali juntinhos, como se solidários aos meus tantos, só me dizem uma coisa: "amor". Que sensação divina a de estar certa de que envelhecer será - está sendo - maravilhoso. Porque "ele", meu honorável Moreno de sobrançella direita pseudo-grisalha, existe.





Institucional

Hã coisas que, seguidas as leis do amor, deveriam ser consideradas inconstitucionais! Exemplo... A pessoa (no caso eu) está a exatos 6.185,59 km de distância (Londres/Natal), conhecendo o Big Ben e o Palácio de Buckingham, bonitinha e compenetrada, mas com certo Moreno gato o tempo todo no pensamento e no coração, quando, de repente, recebe uma foto do bandido (porque tem que ser bandido para mandar uma foto que faça a criatura ciumenta lembrar que seu super gato está a 6.185,59 km de distância!). O que acontece nessa hora?

O Big Ben atrasa (porque para com o susto da coitada), o palácio vira a duna do Morro do Careca e a moça tenta virar uma aeronave e decolar direto para perto do seu amor! Como não dá, resta fazer uma postagem ameaçadora (ela se assumindo uma tiranossauro-rex) para dizer a quem se atrever a olhar para ele que há uma fera pré-histórica pronta para atacar!

Institucional. É assim que eu chamo esse ataque direto ao coração de uma pessoa saudosa! Punição à vista. Uma overdose de beijos! Vai ser isso! Bandido!





Mosaico

Tomemos um mosaico qualquer como metáfora. Metáfora de quê? Primeiramente de nós mesmos/as como indivíduos. Não há como sermos diferentes de um extenso, multicolor e multiforme mosaico. São tantos os fragmentos de que somos feitos... São igualmente tantas as cores que temperam nossa existência e consagram as distintas imagens que as pessoas têm de nós... Na maturidade, que estrutura complexa podemos apresentar! Um conjunto alegre ou triste, uma tonalidade viva ou pastel, desenhos de flores ou de espinhos, sensação estética de harmonia ou de desordem. Apolo, Dionísio, anjos e demônios. Certamente sequer nós mesmos/as sabemos o valor do conjunto da obra. E, por isso, na maioria das vezes, não conseguimos fazer pequenos ajustes que bastariam para que chegássemos a uma beleza maior. E assim vamos pela vida: mosaicos mutantes, caleidoscópicos, espargindo nossos fragmentos pelo tempo e pelo espaço.

Entretanto, também do amor um mosaico pode ser metáfora. Não qualquer amor. Mas aquele que se desenha com intuição e trabalho semelhantes aos do/a artista. Amor que se quer obra de arte. Amor sensível. Bom. Bem. Bem bom! Esse mosaico é mais complexo, porque reúne fragmentos de duas pessoas. Não é mais um mosaico independente, cujos efeitos plásticos belos ou feios se restringem a um indivíduo. Os efeitos agora são fruto da composição da mais simples e mais



complexa força coletiva: a equipe de dois. Dois seres em estado de amor e arte. A questão é: como compor um mosaico cuja beleza possa transcender espaço, tempo e, principalmente, a mediocridade que cerca, permeia e destrói o que poderia ser belo?

Não há resposta. Há os fragmentos, a eleição dos que serão compartilhados (que difícil pode ser doar os próprios fragmentos), a argamassa com que se unem esses fragmentos, a sensibilidade para a composição e a energia para o trabalho. Inicialmente, os fragmentos ainda estão soltos no mar da argamassa da segurança desejada. Não se vê bem o desenho que sairá dali. Pouco a pouco, porém, ficará cada vez mais evidente se o conjunto da obra segue em direção ao sucesso (ser arte) ou à falência (não ser nada, sequer mosaico).

O amor-mosaico pode, sim, ser uma obra de arte. Basta que sejamos artistas ao amar. Basta que façamos o exercício simples (é simples realmente. O problema é a dificuldade que temos em aceitar a beleza da simplicidade...) de resgatarmos os melhores fragmentos que compõem nosso ser para doá-lo à composição amorosa. Porque, ao fazermos isso, não estamos apenas nos doando ao/à outro/a. Estamos, talvez até mais, doando-nos a nós mesmos/as, porque optamos por fazer de nossa vida uma obra de arte. E buscar os melhores fragmentos não quer dizer trazer ao ateliê apenas os fragmentos de cor e forma divinas. Ao contrário, muitas vezes será aquele fragmentozinho escuro e disforme que fará a diferença e imprimirá verdade ao que se construiu.

Talvez, e digo talvez porque pouco sei a respeito desses mistérios, nossa maior e mais linda vocação na vida seja a arte. Chego a pensar que se fôssemos todos/as artistas, cientes do esforço necessário para nos cercarmos de arte, as histórias de amor seriam muito diferentes. A vida humana seria muito diferente. O planeta seria outro. E um mosaico seria uma linda metáfora de Deus.



Ser artista. Dominar a arte do mosaico. Saber amar. Não são fórmulas, porque cada resultado terá feição diferente. Mas seguramente são formas. Formas delicadas, sensíveis e divinas de ser, para o outro e para si mesmo/a, um mosaico maravilhoso aos olhos da estética da felicidade.





No dia de meu amor

Meu amor, hoje é seu dia. E também o de Santo Expedito. Você chega aos 43 anos pleno em beleza, saúde, vida! Eu, para lhe dizer o bem que lhe desejo e minha gratidão a você, não poderei, desta vez, fazer uso de metáforas, porque preciso expressar, da forma mais direta, como você é único e maravilhoso. Você que...

me faz sentir linda, amadíssima, protegida, respeitada, desejada, plena...

me deu uma sogrinha linda, amiga e sãbia, cunhaças incríveis, concunhado, tias, tios, primas e primos, amigos e amigas, e duas sobrinhas que arrebataram meu coração...

conquistou o coração de minha família e trata todos com tanto carinho e respeito que não há quem não goste de você...

adotou meus amigos e minhas amigas com todo carinho e é bem recebido onde quer que chegue...

fez todo mundo chorar no nosso casamento...

fez fuxico, decorou garrafas, limpou, decorou, viveu, enfim, como um companheiro de verdade, todos os preparativos de nosso casório...

me levou para nosso próprio casamento...

é um cozinheiro maravilhoso e um incansável companheiro nas coisas de casa...



acolheu nossos 3 gatinhos (Petit, Pudim e Cocaça) e nosso cachorrinho (Bombom) e hoje já é quem lhes dá a comida de manhã e limpa suas sujeiras sem frescura...

ama ler e escreve textos lindos para o mundo e para mim...

ama o Direito e que vai chegar aonde merece...

é meu companheiro de passeatas e que tem a mesma visão de política e de sociedade que eu...

é palhaço a perder de vista e me faz rir o tempo todo com seu jeito criativo de ser...

foi um menininho lindo e soube mantê-lo vivo em você...

me beija no meio do supermercado, me agarra de repente no meio da rua e me deixa toda derretida com essas manifestações românticas...

ressuscitou meu violão e despertou em mim o desejo do tocar, cantar e compor com você...

emocionou amigas-irmãs de longas datas que eu tenho porque deu a elas a alegria de me verem feliz de verdade e as fotos da [Ana Claudia Souza](#) mostram isso...

entendeu a importância sem adjetivos que minhas filhas têm para mim e conquistou as duas com seu jeito meigo e sua inteligência...

já é um parceiro do [Denison Bielinski Ramalho](#) e troca zaps palhaços com ele que me fazem rir muito...

é um homem lindo em todos os detalhes, cheiroso, cuidadoso, cheio de estilo, feroso e sensível...

deixou seu cigarro de tantos anos, sem que eu pedisse, porque percebeu minhas pequenas reações alérgicas...

é um excelente motorista...

adotou o Confiância sem abandonar o ABC...

faz o melhor bolo de chocolate do universo...

me incentiva em tudo, me acompanha nos eventos quando pode, lê e revisa o que escrevo, confia em minhas revisões e opiniões em relação ao que você escreve...

inacreditavelmente não reclama de nada, compreende o que você chama de "misérias humanas" e me ensina a ser uma mulher melhor...

estuda anatomia do corpo feminino para saber lidar direitinho com coisas como TPM, climatério e orgasmo, sendo um exemplo lindo de como um homem pode se interessar pelo universo feminino para compreender e estimular melhor sua mulher...

ama profundamente sua família, sua Paraíba e seu Rio Grande do Norte...

é poeta e me faz sentir a mais linda das musas...

acorda feliz e disposto e faz minhas manhãs serem sempre deliciosas...

tem os olhos mais brilhantes do mundo...

é um companheiro de viagens excelente...

chegou a minha vida e que seguirá comigo pelas outras que teremos, porque nosso amor é para o sempre que atravessa o finito deste tempo...

vai me proporcionar nova maternidade...

é, enfim, absolutamente único,

merece, no seu aniversário e sempre, todas as bênçãos de Deus!

Eu te amo, Moreno!!! Obrigada pelo privilégio de ser sua mulher e comemorar este seu primeiro aniversário como um homem casado!! (Kkkkkkkkkk e amarrado!!!! Eu lá vou ser louca de ficar de boqueira tendo um marido assim? Kkkkkkkk)

Parabéns, meu amor!!!





No meio do caminho... uma lua-de-mel

Definitivamente, Ítalo De Melo Ramalho e eu amamos os rituais. Há nos rituais, conforme bem dizia Joseph Campbell, um laço direto com as experiências míticas, que proporcionam ao ser humano a vivência do maravilhamento tão essencial à vida. Sabedores disso, não abrimos mão de escrever nossa história cuidando para que os rituais sejam nossas ilhas de maravilhamento.

Todo esse preâmbulo para explicar como sou para nós a pergunta: onde vamos passar nossa lua-de-mel? Ora, se vai haver casamento, haverá lua-de-mel!! E iríamos pular uma etapa boa dessas? Mas... Onde? Sem grana para rituais mais "sofisticados" (o que, aliás, nem desejamos), e entendendo que lua-de-mel, em nosso caso, rima com cabana e muito romantismo, decidimos criar mais um ritual para nossa história...

Ele nasceu em Guarabira, Paraíba. Eu, na cidade do Rio de Janeiro. Fácil!! Pegaríamos o mapa, e, com uma régua, encontraríamos o "meio do caminho"! Lá seria a nossa lua-de-mel!! Antes do mapa, o ritual das conjecturas...



Começamos a imaginar onde seria tal lugar... Certamente na Bahia... E há estado mais brasileiro que a Bahia? Terra de minha avó materna, terra de tantos índios e negros... De samba, orixás, coqueiros, mar, cacau, Castro Alves, Gregório de Matos, Novos Baianos, Caymmi, João Ubaldo Ribeiro, Helena Parente Cunha, Jorge Amado, Maria Machado, ... "Bahia, terra da magia, da feitiçaria e do Candomblé"! Bem propício tudo isso para a "Brucha" e o "Catingueira"! Internet, distâncias, mapas! Vamos lá!

Oliveira, Ilhéus, Bahia! No meio do caminho... uma lua-de-mel. A nossa! E não é que há uma cabana a vinte metros do mar?

Assim fica escrito mais um capítulo de "O inusitado amor da BruCHA e do Catingueira", folheto de cordel que daremos de presente a nossos convidados, mas que, pelo visto, será um folheto em vários livros!

Quanto à lua-de-mel, esta escreveremos com tintas próprias, para apenas dois leitores! Ou um, já que estamos mais misturados que feijão com arroz! Feijão barroco!





Num dia triste assim

Num dia triste assim, ter você é ver na cinza um jardim e saber que o milagre da vida faz nascer o verde na pedra, a flor no asfalto, o sonho na miséria. Ter você, num dia triste assim, é, para mim, o sentido pleno da palavra esperança. Te amo. (Não há realmente nada melhor que, na hora da desesperança, ter alguém a nosso lado com a capacidade de segurar nossa mão e nos fazer recuperar a fé. Imaginem a força de milhões de mãos dadas, com o mesmo propósito...)





Nunca é tarde... Mesmo!

O que você costuma comer? Eu? Oxe! Eu como comida! Fiquei rindo... Eu comia de tudo menos comida. Como tenho aversão a cozinhar, qualquer pretexto valia para trocar comida por café com pão, uma escapulida no Mac Donald's e bobagens quaisquer que dão a sensação de "barriga cheia". Ou, pior, comer "comida" nos quilos da vida e gastar mais do que deveria...

A coisa (a aversão) era tão forte, que as recordações culinárias que minhas filhas têm de mim quando lembram de sua infância e de meu desempenho na cozinha são: "você fazia o melhor Nescau do mundo", "adorávamos nossos momentos família comendo miojo e assistindo ao Friends", "adorávamos nossas idas ao Mac Donald's"! Verdade! Esse tipo espúrio de mãe fui eu em termos de zelo com a alimentação delas nos finais de semana. Meu amor por elas sempre foi enorme! Que ninguém duvide disso! Mas o fato de ter quem cozinhasse durante a semana me parecia desculpa suficiente para no final de semana eu ficar longe da cozinha! Mas o Nescau e o bolo



de um ovo sô que eu sei fazer sempre estiveram presentes. Elas, graças a seus anjinhos da guarda, sobreviveram e hoje cozinham super bem (não graças a mim, claro está!). Isadora Pelosi é quem salva esta casa da macdonaldização completa!

Voltando a ele... Comida mesmo? Como é isso? Oxe! Feijão, arroz, legumes, verduras, carne! Comida normal. Não como bagaças não. Todos os dias? Claro! Vixe Maria! Bem, ele sabe cozinhar... Vamos nos virar... Não será o fim do mundo! No segundo "bem...", eu já me recordava: meu feijão era até bom e meu arroz ficava soltinho... Isso nas raríssimas vezes em que fui para a cozinha... Bom (pra sair do bem), meu frango com batata doce é bem gostoso. O estrogonofe é muito razoável. Franco com milho verde... Comecei a lembrar. Comecei a reavaliar... Acho que exagerei na auto depreciação. Será que não sou esse horror todo?

Aí chegou o momento de fazermos juntos nossas refeições. Obviamente minhas escolhas até então não eram nada saudáveis. Quem precisaria mudar era eu, ainda que houvesse brecha para uma alternativa diferente de vez em quando. Resolvi tentar. E havia tanto amor envolvido que não é que fiz uma feijoada supimpa? Isadora começou a sentir esperança de não ter mais sozinha que promover momentos de "refeição saudável" para nós duas. O novo membro da família já chegou "causando"!

Peguei no embalo. Ele está certo! Temos que comer é comida! Arrozinho, salada, franguinho, carne moída... E não é que é bom? Um fazendo uma coisa, o outro, outra. Uma comunidade na cozinha cozinhando, limpando, guardando. Ir ao mercado ficou mais interessante... Caraca! Felicidade é isso? Tão simples assim?

Resultado: nunca é tarde! Almoço de hoje para minha filhotinha: picanha de porco, feijão branco com bacon e paio, arroz branco, farofinha e couve. Tudo feito por mim! Com



amor! E Isa e eu tivemos um decente almoço caseiro de domingo!

Nunca é tarde! Mesmo! Principalmente quando chega à vida da gente uma pessoa que sabe valorizar as coisas simples e boas. Alguém que não acha que cozinha é lugar de trabalho escravo, mas de trabalho em equipe. E comer, de repente, deixou de ser sinônimo de improviso ou de excesso de gastos para se tornar sinônimo de amor. Não é exatamente isso que dizem as pessoas que gostam de cozinhar? Estou chegando lá!

Nunca é tarde! Mesmo! Para tentarmos ser melhores. Você me faz ser melhor, amor. Chegue rápido que o feijão branco ficou uma delícia! Isa e eu estamos à sua espera! Queremos ver se seu assado é tudo isso mesmo! Te amo!





Quadro de retalhos

Muita coisa do que temos feito para decorar o local onde acontecerá nosso casório foi fruto de pesquisas na Internet e de adaptações de sugestões alheias. O quadro de retalhos, não. Esse eu mesma idealizei, imaginando um painel para dar cor (mais cor!) à festa com personalidade nordestina.

Juntei retalhos (na maioria vindos dos guardados de minha mãe), fui com meu pai e o Moreno comprar uma folha barata de compensado e voltei para casa doída para executar a ideia: um “quadro de retalhos”.

Cortei os tecidos e passei um a um para que estivessem prontos para a colagem. Montei tudo antes de colar para ver se eu tinha retalhos suficientes. Após a verificação da harmonia das formas e estampas, começaria a aplicar os retalhos definitivamente.

Não vou dizer que não foi cansativo... Foi sim! Meus rins me repreenderam pela travessura! Mas a alegria que senti ao ver o quadro montado valeu o esforço! Restava, porém, o acabamento. E comecei a colar a rendinha ao redor de cada retalho, para deixar o resultado bem caprichado. Muita gente teria dispensado a rendinha. Exagero - diriam. Mas eu sou



daquelas que pensam que é a tal da rendinha que mostra o quanto estamos empenhados em fazer o melhor. Por isso, nada de preguiça!

Quase cometeria uma injustiça dizendo que o Moreno não me ajudou! Ele iria fazer a colagem, mas, cansado após um dia de intensas atividades na rua, adormeceu. E vê-lo dormindo encheu-me de energia, porque sua presença ali, morenamente relaxada e amada, atestava que o que eu fazia valia demais a pena. Ele é definitivamente o único alguém por quem eu faria mil quadros de retalhos. Ou mais.

A ajuda dele, contudo, foi maior. Ao acordar e ver que eu havia terminado a tarefa, prontificou-se a auxiliar no derradeiro detalhe: colar laçinhos espalhados pelo quadro. Bastou despertar para se colocar mais uma vez a meu lado.

Quadro pronto, aguardando a festa. Eu toda prosa com o resultado, que depois adornará nossa casa. E ele ali, metaforizado nos pequenos e grandes pedaços de tecido. Ele, que misturou sua vida com a minha, colorindo, nordestinamente, tudo.





Requiem aeternam

Amor, não acredito que você vai para a OAB com esse tênis!! Por quê? Claro que vou! (Nunca, jamais, diga a um ariano o que ele deve fazer! Ele tem personalidade própria, sabe o que quer e ponto final!). Jesus, amor! Que troço feio!! Feio? Amooooo meu tênis! É de estimação! Está comigo há muito tempo!!! Mas precisa ir para a OAB com ele? Cruz Credo, amor! Oxe, claro que eu vou! E foi... Que ele é irreverente estou mais que ciente, mas olhava para o danado do tênis e ficava pensando nos próximos vinte anos de convivência com o tal amigo de estimação. Ah, esse Ítalo! Ô criatura!!

Já estava conformada. Tanto que, quando, arrumando-se para sair comigo, ele abria o armário para pegar um calçado, eu já ria pensando: "Lã vem o sujismundinho engolir os meus (dele) pés! E olhem que o tal par de tênis nem sujo estava. Era mesmo a cor do encardido dos anos todos, entranhado no couro AllStar. Nem soda cáustica resolveria. Mas o Moreno firme com eles, todo prosa com seu "estilo não me contrarie que eu mordo"! Quem diria? Logo ele tão ensimesmado com um signo neoliberal dos grandes...

Bem, como estava conformada, passei até a guardá-los dentro do armário quando ele, por acaso, esquecia os danados no quarto. Bora, seus feiosos, pra dentro! O pior (melhor) desse marido que eu tenho é que ele acaba me dando um nó e eu, que pensava de um jeito, vou me amansando e faço tudo o que ele quer. Pronto! Conseguiu! Não falei mais nada, a não



ser quando fomos a Currais Novos e pude contar com a solidariedade de minha sogrinha linda, que, como eu imaginava, não achou nada adequado ele usar o tênis para advogar. Foi bom demais ter o apoio dela para implicar com ele! E ele? Nem tchum!

Até que um réquiem inesperado tocou em plena sexta-feira na Acrópole. Sem me preparar, ele dá a notícia: vou jogar o tênis fora. Não tem mais jeito: furou! Entrou água outro dia, quando fui à faculdade. Mentira!!! Jura??? Vai jogar fora seu tênis de estimação??? Não acredito!!! (Imediatamente me dei conta da economia dos vinte anos que eu já havia contabilizado). Vou sim!! Não disse que ariano decide e faz? Beleza, amor! Mas, tudo bem? Oxe, claro! Não está triste não, né? Eu? Que nada! Mas vou escrever uma crônica para ele.

Como ele vai escrever a crônica, eu faço esse *requiem aeternam* e me despeço do traste feioso que - agora confesso! - me fez adorar ainda mais a personalidade desse Moreno carinhoso, prestativo e companheiro, mas que, no entanto, não está neste mundo para ser mandado por ninguém! Amooooooooo isso! Carneiro indomável de Guarabira!

(Para evitar a possibilidade de um súbito arrependimento, corri, peguei o saco de lixo e, com a autorização dele, disse adeus aos bichinhos. Não sem antes fotografá-los, para que a memória de nossas aventuras fique devidamente registrada! Já sei que presente vou comprar para ele assim que puder!)

RIP.

Aracaju, 10 de setembro de 2017.





Revelações-bomba de Páscoa!

I

No cafofo dos Ramalho (Ítalo De Melo Ramalho, Isadora Pelosi e Christina), uma situação crítica foi revelada!! Há uma explosão iminente de roupas para passar que se amotinaram no escritório! Logo essa família, tão militante, revela sua ostentação de forma tão chocante! A pergunta que não quer calar é: quanto de roupa terão esses três filhos da elite para poderem chegar a esse ponto de superlotação no cárcere das roupas?

A rebelião só será contida se houver uma força-tarefa em plena Páscoa, para solucionar o conflito! Mas dizem por aqui que o meliante Moreno prepara uma fuga sorrateira, tamanho é o medo que sente de ter, finalmente, que aprender a passar roupa! A meliante menor já está de malas prontas para fugir para o Rio de Janeiro! A situação beira uma epidemia de abstinência total de ferro!

Diante desse caos, agora escancaradamente revelado, a mafiosa Christina se vê acuada entre a rebelião das roupas e um desejo incontrolável de passar (isto sim!) os quatro dias lendo!!

Tensão na casa! Até os três gatos e o cachorro preparam seus brinquedinhos para a fuga!!

Qualquer nova notícia entrará no ar a qualquer momento! (Peça-se que, se um Moreno ou uma linda moça de olhos verdes forem apanhados em fuga, a Central da Roupa para Passar seja imediatamente acionada!)

II

Diante do impasse sobre como conter a rebelião das roupas e da vigilância da Galega para que Moreno não fugisse, os mafiosos resolveram apostar no jogo de buraco. Após vexaminosa derrota, Moreno apela para a difamação, acusando Galega de roubar no jogo.

Enquanto isso, no escritório, as roupas se empilham, tentando cair no chão, para se vingarem se sujando até terem que ir para a máquina de novo. Estão tentando aliciar o cachorro Bombom para invadir o recinto, pular sobre elas e completar o projeto roupal de vingança.

Tensão crescente na Acrópole. A outra mafiosa simula dormir.





Saudade com prazo de validade

Quando a saudade tem prazo para acabar, e a estrada é um relógio com ponteiros feitos de bálsamo, pode-se sentir nitidamente a paixão da festa inaugurando seus fogos feitos de abraços e beijos.

Saudade com prazo de validade. Talvez a única forma de falta cuja dor seja menos dor e mais gratidão pelo privilégio de saber que se vai assistir, com o coração aos pulos, à transformação da ausência física na mais doce encarnadura do amor: a que mora no abraço alquímico composto de pele, carne, músculos, veias, artérias, linfa... e Amor. Ainda que nossos dois corpos ocupem um só espaço: o de existir no outro, é inegável a delícia de poder tocar essa mistura de nós dois. Aliás, em qualquer nível de sentimento amoroso, poder abraçar o outro é dâdiva que muitas vezes só percebemos como tal quando a saudade se impõe (às vezes, porém, a saudade que se impõe não tem prazo de validade, e o abraço nunca acontecerá de novo. Nesse caso, a dor é um abraço às avessas...).



A estrada da ida agora é a da volta. No porto da chegada, eu e este nosso presente feito de tantos futuros. Tudo em mim é molécula amorosa preparando seu aconchego. E a BR, que você "dezesseishorasmente" enfrenta com tanto bom humor e tranquilidade, confunde-se com meu próprio corpo à espera do seu.

A uma saudade assim pode-se dizer "obrigada", porque nela também habita o delicioso fruto do reencontro. Néctar puro. Boa viagem, Moreno meu!





Sempre “Ela” a nos guiar

Maria das Graças. A Nossa Senhora dos dias e das noites, das infinitas bênçãos e de todos os consolos. “Ela”, em sua generosidade de Mãe Maior, anda a cuidar de nós, fazendo-se sempre presente, como um sinal afetuosos a nos dizer que continuemos a caminhar da maneira que estamos fazendo.

Estava na gruta da chácara que alugamos para o casório. Veio da igreja da Medalha Milagrosa de Paris para pousar nos fuxicos que acompanharam nosso cordel. Recebeu-nos logo na entrada do hotel em Olivença (ao lado de Santa Terezinha, cuja igreja, magicamente, era vizinha da chácara onde casamos!). Abençoou nossa viagem na BR 101 (Guimarães, BA). Está na Ave Maria que sempre rezamos de mãos dadas antes de dormir ou quando sentimos que uma oração se faz necessária. Está nas medalhas que meu pai Amauri Lopes Ramalho e Ítalo carregam no peito.

Quem ganhou o fuxiquinho, por favor, guarde com carinho. Foi feito a quatro mãos, com gratidão a Ela. E, acreditem, quando a Ela pedimos proteção, nada nos atinge com impacto que não possamos suportar, porque um escudo de Amor fortíssimo filtra tudo o que ainda não temos força para enfrentar.

Mãe Maria, obrigada por sua presença em nossas vidas! Que possamos sempre estar à altura dessa proteção maravilhosa.





Síntese

Já em 2017, ao som de Zeca Baleiro cantando Zé Ramalho (mas poderia ser também um CD do Sérgio Sampaio, do Xangai, do Meta Metá, do Antonio Nóbrega...)...

Ele escreveu/publicou nos últimos momentos de 2016: "Minh'Amor, 2016 foi realmente um ano mágico. Obviamente que sabes muito bem em que sentido falo/escrevo. E por falar em sentido... que é que aconteceu conosco? Kkkkkkkkkkkkkkkkk... Bom! O que é que tenha acontecido ressoa e ressoará constantemente nas caixas da minha vida. O toque dessa cerimônia harmoniza em compassos com o som que surge do mais singelo rufar dos seus dedos. Com o terno barulho das suas janelas oceânicas. Com a explosão vinda das suas vísceras vulcânicas... Putz! Talvez alguém indague: que coisa exagerada! E eu respondo: é exagerada sim! Exageradamente bela a ponto de nenhuma palavra alcançá-la e tampouco traduzi-la literalmente! Te Amo, Christina Bielinski Ramalho!"

Eu respondi, inaugurando o ano:



"Minha poesia
agora tem carne.
É feita de vida,
veias,
vento,
veredas
e arte.

É você,
no todo
e nas partes,
rimando
presente e futuro,
lançando a semente
do sem fim.

Eu em você.
Você em mim.

(Todos os meus exageros são seus!)"

Ele devolveu:

"Minh'Amor

A minha poesia tem sonho
e concreto.
Tem ferro,
Pedra,
areia e cimento.
Quilogramas e toneladas.



A minha massa
é composta
de ar e som.

Andaime que flutua
e sustenta
a pluma bailarina

do meu segredo
público.

TAM, linhas aéreas!”

Talvez, nesse pequeno diálogo, a síntese do Amor que vivemos: sentimento e ação fundidos pela arte de amar a carne, a alma e a palavra com um duplo e mesmo coração. E na harmonia perfeita que não dispensa nossas imperfeições (incluindo as rugas e os senões), abraçamos o novo ano já na sintonia de construirmos um inventário futuro que nos deixe felizes de termos trabalhado pela Felicidade!





Sobre a arte de ser paciente

A viagem deveria durar cinco horas e meia. O trânsito em Ilhéus e nos arredores de Salvador fez com que durasse nove. Ele dirigiu todo o tempo contente e bem-humorado. Nem um senãozinho ou qualquer reclamação.

Ao chegarmos a Imbassaí, com meu celular descarregado e o céu escurecendo com a chegada da noite, ficou impossível encontrar a pousada, que fica em rua de terra batida um tanto escondida. No celular dele, acessamos o GPS, que nos levou para uma estrada de barro deserta e indicou mais sete quilômetros pela frente. Voltamos. Tudo ficando escuro e o celular dele com 4% de bateria. Nenhuma palavra de reclamação ou nervosismo da parte dele. O celular dele descarregou. Informações colhidas por ele aqui e acolá não nos levavam a lugar algum.

“Espera aí, Galega”. Desceu do carro, tirou o carregador do porta-malas e entrou num bar. Voltou todo contente. Descobri! O sr. Murici me ajudou. Tirou o fio do microondas da tomada, carregou um pouco meu celular e ligou para a pousada. O casal de italianos que abriu a pousada recentemente explicou a ele. Ele viu que era difícil e encontrou um jeito de me explicar. Perguntei quanto era. Ele disse “O que é isso, rapaz? Estamos aqui para ajudar!”.



Mais algumas voltas e finalmente chegamos. Pousada acolhedora, limpa, que homenageia Ayrton Senna.

Eu fiquei calada. Só olhando para ele, enquanto ele agia paciente, decidido, doce. Por que está me olhando assim, Galega? Porque você é mesmo incrível, amor. Vixe, lá vem você com seus exageros... Não é exagero não, Moreno. Olhe só: você não perdeu a calma nem por um minuto; apesar do cansaço, não reclamou; não me culpou de nada, o que acontece com grande parte das pessoas quando uma situação tensa se apresenta; num instante cativou as pessoas que tentaram nos ajudar; me fez sentir calma e segura todo o tempo. Mas, Galega, o que tem isso de mais? Nessas horas a gente precisa ter calma. Tudo se resolve.

Tão fácil para ele. Tão difícil para grande parte das pessoas.

Que todos os casais, na hora de sufocos assim, possam ter a generosidade da calma, da iniciativa, do amor.





Sobre fê, fuxicos, festa e felicidade

Medalhinha de Nossa Senhora das Graças; sobra de tecido (neste caso de um tecido senegalês comprado na feira Sucupira, em Cabo Verde); lacinhos azuis e fitas coloridas (compradas no centro de Aracaju); linhas, agulha e tesoura: eis o ponto de partida para esta crônica sobre fê, fuxicos, festa e felicidade... Agora conto...

Decidimos fazer um enfeite para a lembrancinha que ofereceremos a nossos convidados no dia de nosso casório. Um pequeno adorno para a embalagem do folheto de cordel. Um fuxico com uma medalhinha de Nossa Senhora das Graças (devidamente acompanhada por um lacinho azul), complementado por três fitinhas coloridas. Precisamente cem enfeites. Feitos manualmente. Porém, mais que uma artesanaria corriqueira, cuidar desse enfeite cercava-se de simbologias...

Minha primeira tarefa foi prender o lacinho na medalhinha. Nossa Senhora das Graças, ali iconicamente representada, era tocada com delicadeza por meus dedos. Ela que teve a delicadeza de aceitar ser nossa protetora... O lacinho azul, escolhido por nós, era, afinal, nós mesmos, enlaçados neste sentimento azul.

Depois, cortar pequenos círculos de tecido para fazer os fuxicos. Entre algumas opções, o tecido africano traduziria melhor nossa visão de mundo, nosso interesse pela história, pelo presente e pelo futuro da África. Sua cor, misturando azul,

branco e negro, complementar o azul do lacinho. Cada fuxico feito parecia provocar uma lembrança distinta...

Fuxico é, ao mesmo tempo, artesanã nordestina e fofoca. Ele, paraibano; eu uma aracaçuana de coração, temos tudo a ver com as formas que desenham a cultura nordestina. De outro lado, foi no "feicebuque" que nos reencontramos... E isso nos atrela, em termos de história da vida privada que se faz pública, a essa "rede social" que se fez uma espécie de "padrinho virtual"... Nosso "fuxico", contudo, é do bem. Só queremos espalhar amor.

Unir a medalhinha com o lacinho ao fuxico. Muito simbólico isso... Mãe Maria no nosso Nordeste e na nossa rede, zelando pela harmonia da fusão de tantas coisas...

VeZ das fitinhas coloridas. A vida tem muitas cores. Escolhemos três primárias (azul, amarelo e vermelho) e três secundárias (verde, roxo e laranja). Foi nosso jeito de simbolizarmos prioridades e complementaridades. Três fitinhas, em combinações variadas como os dias, para dizer da consciência que temos de não sermos só nós dois. A fé, a família, a fraternidade... O mundo nos importa. Agudamente. E na triangulação dos tempos, queremos ser vértices de força para um mundo melhor.

O resultado é colorido. E singelo. Traduz essa alegria que sentimos. Mas a ultrapassa, porque nossa alegria não nos basta. Queremos a justiça da alegria acessível a todos.

O enfeite adornará a festa. Festa que é ritual passageiro. Circunstância apenas, feita de agradecimento e abraços. Outra festa, contudo, se esconde no mesmo enfeite. Nele, todo um desejo de união sem quaisquer requisitos ou exigências.



Talvez a felicidade seja simples como alinhar, com fé, mínimos elementos, em busca de conquistar uma pequena harmonia cotidiana. Nesse processo todo, o mais difícil foi desatar os nós que a linha dupla causou. Mas foram desatados. E outros serão. Vida afora.

Com fé, fuxicos do (nosso) bem e os corações fazendo festa um no outro, haveremos de alimentar a felicidade.





Tenho um sonho branco
de te navegar

SAUDADE



Sobre quarentenas e aquarelas ou Uma tarde/noite vestida de cor

Quarenta dias e um oceano no meio. Tanto de tempo e tanto de espaço a separar esse amor-ímã que demorou uma década até a explosão... E agora... Quarenta! Não de ser fortes os corações do Catingueira e da Brucha para converter "uatizape" e "messengem" em bálsamo para a saudade doída e doída que virã? O que reserva o crepuscular trigésimo dia e a trigésima noite a essa "dupla de dois" que, de positivo em positivo, de negativo em negativo, se empenha no corte, recorte, montagem, desmontagem e remontagem dessa película afetiva? Pois bem! E foi assim que o pincel bordou:

Brucha:
Seu rosto
hoje
é tatuagem
e espelho.
Tatuagem
na carne que me veste;



espelho
no limite interno
do olhar
que aprendeu o gosto
de amar.

Catingueira:
Seu verbo salta ligeiro
Que nem maracajã.
É tatuagem no espelho
E no escuro refletirá.
Se transforma em repentista
Grande alma, grande artista,
Borda versos pra trovar.

E veio! Não restavam questionamentos! O equinócio das horas chegou em tempo real! Apesar das cinco horas de fuso horário, não houve impedimentos que interrompessem o voraz desejo do encontro sobre o mar tenebroso (Oceano Atlântico) e tudo se converteu em palavras, imagens e voz, que, no enfrentamento da contagem longamente regressiva, afirmava, gesto a gesto, a permanência do que se inaugura eterno.

Ele, generoso como sempre, aderiu ao fuso horário dela e passou a dar bom dia às duas da manhã e às quatro ouvir as novidades da sua Brucha. Ela, dengosa como sempre, enviando rufas de carinho, apaixonada pela promessa de barba que em barbuço se fez.

E da quarentena nasceu uma aquarela! Cinco horas de um repente engraçado! Cinco horas de uma peleja matizada pelo sonoro ponteio afiado e afinado no diapasão coronário. Ela postando montagens fotográficas de um lado, ele, de outro, respondendo com poemas. Amor convertido em



improviso. Gestos côncavos e convexos inserindo mais uma experiência única nessa história lúdica e lúcida.

E a aquarela foi ganhando cores e quando à Brucha parecia que para Catingueira difícil seria fazer saltarem mais palavras, ela perguntava: "Posso mandar outra?" E a resposta: "Arrocha!". E nessa fábula de traços verídicos que se desenhava, o espantoso foi encontrar cores para alimentar o fulgor criativo da Brucha e do Catingueira. Era improvável que naquele momento de incisão, cirurgiões como Picasso, Monet, Matisse... viessem estancar o minadouro que confluía esse rio ao célebre Rio São Francisco. Inimaginável!

Quatorze variações. Cores tingindo esse amor cheio de amores. E o tempo da quarentena perdeu-se no infinito que são as horas bonitas têm! Entre publicáveis e não publicáveis, dada a criatura desse ser Moreno de muitas sedes, os poemas do Catingueira pintaram para a Brucha um quadro de palavras mágicas enfeitado por versos como:

Cor da ferrugem e do ouro
Do jerimum e do sol.
Mistura de mito e de touro
Toque de Miças no arrebol.
Sumo de laranja-lima
Vou caçar com essa menina
Uma mulher vestida de Sol.

Por outro lado, a Brucha caprichava nos fotopoemas nos quais a imagem congelava a magia plantada em vias de sementeira. Ao mesmo instante, a danada imprimia movimentos para um novo semear.



Para muitos a colheita pode tardar ou até mesmo não ser possível! Não adianta preparar o solo, ter boa semente, abundância líquida-mineral, matriz animal... não adianta! Senão tiver o toque da retina, a planta não fala com a gente.

E assim se deu a peleja. Entre imagens e versos, entre ponteiros e saudade, essa quarentena logo será história. Mas a memória que deixa faz a saudade ter valido a pena.

Seguem as aquarelas:

Azul

Vestuta feiticeira!
Brucha da alquimia!
Gata não berra, mia,
À luz da buleira.
Seu jeito tem encanto
Meu regaço, meu recanto,
A trincheira dia a dia.

Vermelho

Azul é a cor da alegria!
O vermelho é da guerra!
Sangue vencido na terra
De céu se revestia.
Se os ponteiros alados
Adiantam o atrasado
Tempo que a coruja pia.

Branco

Gato berra, bode mia,
Boi ladra, cachorro pia.
Porco relincha, pombo fala,
Maçaco desenha e burro cala.



No alfabeto dos bichos,
Não vejo nenhum fuxico,
Que não me faça te amar!

Preto e branco
Se uma cor é singular,
Duas em diante é plural.
Três cores são uma festa,
Quatro cromos mineral.
Cinco tamanhos de universo,
Seis rimas em prosa e verso,
Sete luzes no praçal.

Verde
Um risco solto no ar,
Duas linhas paralelas;
Três verdes de te beijar,
Quatro sedes de beber;
Cinco desejos tomados,
Seis cálices sagrados
Da Mulher que vou sorver.

Preto
Ausência demais é preto.
Brilho demais encandeia.
Preto demais enoitece.
Brilho demais enfeia.
Galega no ponto certinho.
Moreno bem coraçinho,
Amor de vazante e de cheia.

Cinza
Os nós que atam laços,
Também atam as cores.
Cinza do chumbo e do aço,
Lembranças de dissabores.
Saudade do tempo futuro,
Erguida casa sem muro,
Chão dos nossos amores.



Laranja

Cor da ferrugem e do ouro
Do jerimum e do sol.
Mistura de mito e de touro
Toque de Medidas no arrebol.
Sumo de laranja-lima
Vou caçar com essa menina
Uma mulher vestida de Sol.

Roxo/lilás

Cor da estola cristã,
Vestida na cúria romana.
Talvez sem carne, pagã!
Olho do pus que emana.
Fora dessa ratoeira
Construímos brincadeiras
De manhã para manhã.

Amarelo

Se juntarmos uma a outra
Cada argola faz um elo.
Prata fundida na pira
Desenho, forma de anelo.
Fogo desmancha saudade.
Saudade ganha liberdade
Que sentimento singelo!

Pele

Menina ouro-azul
Do couro riço e rosado.
Viço de flor juvenil
Doce de fruta flambado.
Quando penso em tua pele
Minha Vida estremece
Fico sem chão e coração.



Listras

Cromático tempo da Vida
Que Cronos não alcançou.
Contraste de cor esquecida,
Que fútilidade salvou.
Hora sem tempo final
Desenha romance real
Vida por sobre Vida!

Listras daqui e d'acolá.
Listras em tons escuros
Num castelo sem muro
Listra para contrastar.
Listra de malabarista.
Equilibra a conquista
Dos malabares a fiar.

Rubro-negro

Duas camisas distintas:
Eu sou ABC, Ela é Confiança.
Encontramos semelhança
Quando rubro-negro pinta.
A tinta escorre na cidade,
Pinta também a saudade
A tempo de ser extinta.

Paleta

Paleta pode ser cama,
Cama pode ser vida,
Vida pode ser amor,
Carne, mas sem ferida.
Saudade sem esperança
Não quero, sem confiança!
Morte na vida da Vida!
— com Ítalo De Melo Ramalho.





Tempos de farofa

Vocês comem farofa pronta? Comam não, oxe! Pode-se fazer uma farofa deliciosa em casa e ir consumindo pouco a pouco... É? Dá pra guardar? É claro, visse! E eu sei fazer. Vou fazer para nós. Bora comprar os ingredientes...

Manteiga de garrafa, alho, cebola roxa bem fininha (Depois você tira, amor, já que não gosta de comer cebola), calabresa bem cortadinha... Vou usar essa panela grande, tudo bem? Oxe, amor, esta cozinha é sua, é nossa.

Hummm, está cheirosa! Prova o sal aqui. Provei. Hummmm! Delícia. Quase pronta. Deixa ir dourando até ficar bem coradinha. Vou colocar mais um pouquinho de sal. E vai, com sua morenice, finalizando "os trabalhos".

Pronto. Colocar numa vasilha com tampa e ir usando! Ai, amor, precisava ser assim tão danado? Fico só olhando... Mais boba do mundo! Tenho direito a um cigarrinho? Um? Dois, amor!!!!

Em tempos de farofa, as misturas têm uma harmonia simultaneamente singela e rica. Singela, porque cantam a canção do cotidiano em sua face mais simples e amorosa. Rica, porque contêm, nos mínimos ingredientes, o máximo da sabedoria do amor.

Amar é cuidar. Ele sabe fazer isso lindamente. Meu Pombo Sujo farofeiro (no sentido mais cariosa possível) é também mestre na invenção dos tempos de farofa. E eu sei que a vida pode ser deliciosa! Com ele!

